

RELIGIOSIDADES DO AMAPÁ: ENTRE O CATOLICISMO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Alysson Brabo Antero¹

Resumo

Este trabalho abordará uma das principais manifestações culturais e religiosas do Estado do Amapá: o Ciclo do Marabaixo. A partir de investigações bibliográficas e pesquisa de campo, pretende-se fazer um levantamento histórico sobre o Marabaixo, bem como visualizar e destacar elementos presentes nessa manifestação que ora a aproxima do catolicismo, ora das religiões afro-brasileiras. A elaboração de estudos acerca do Ciclo do Marabaixo, além de ampliar o conhecimento disponível sobre a religiosidade na Amazônia, representará um passo a mais em direção ao respeito e à diversidade religiosa no Amapá.

Palavras-chave: Marabaixo. Catolicismo. Religiões afro-brasileiras.

Abstract

This work will address a major cultural and religious manifestation of Amapá State: the Marabaixo cycle. From literature research and field research, we intend to make a historical survey on the Marabaixo, as well as view and highlight elements present in this demonstration which approximates the time of Catholicism and other african-Brazilian religions. The development of studies about Marabaixo Cycle expand the knowledge available about the religiosity in the Amazon and also represent a further step toward respect and religious diversity in Amapá.

Keywords: Marabaixo. Catholicism. African-Brazilian religions.

¹ Mestrando em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (Uepa). Membro do Grupo de Pesquisa Religiões de Matriz Africana na Amazônia (Germaa). Contato: alysson.edu@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em manifestações religiosas e essa riqueza expressa o mosaico religioso de nosso povo. Em cada região desenvolvem-se expressões peculiares que identificam, distinguem e caracterizam a riqueza cultural e religiosa de nossa gente.

No Estado do Amapá, no extremo norte do Brasil, uma manifestação conhecida como o Ciclo do Marabaixo é um desses fenômenos religiosos que identifica, caracteriza e, de certa maneira, exprime a religiosidade de boa parte da população desse Estado, sobretudo na capital.

Na cidade de Macapá, nos últimos anos, o Ciclo do Marabaixo vem ganhando notoriedade e atraindo os holofotes dos meios de comunicação. O apoio financeiro recebido de empresas privadas, as políticas públicas voltadas para os afrodescendentes e uma melhor organização dos que promovem o evento são apontados como fatores para esse maior interesse midiático.

Por outro lado, a maior visibilidade ou cobertura da espetacularização não vem acompanhada de estudos científicos (comprovados pelos poucos trabalhos disponíveis na cidade sobre este fenômeno), corroborando para que ele seja visto como algo folclórico, atrativo turístico e/ou movimento ligado apenas à população negra dos bairros e/ou localidades onde o festejo acontece.

Diante desse contexto, neste trabalho analisaremos o Ciclo do Marabaixo procurando identificar em suas etapas ritualísticas a presença de elementos do catolicismo e das religiões afro-brasileiras.

Partindo de uma revisão bibliográfica incluindo Nunes Pereira (1951), Fernando Canto (1998), Piedade Videira (2009), entre outros, e da pesquisa de campo, tem-se por objetivo fazer um levantamento histórico sobre o Marabaixo, bem como visualizar e destacar elementos nessa manifestação que a aproxima da religião católica e das religiões afro-brasileiras.

Acreditamos que a elaboração de estudos acerca do Ciclo do Marabaixo, além de ampliar o conhecimento disponível sobre a religiosidade na Amazônia, contribuirá para uma maior valorização do legado da população negra e afrodescendente na formação histórica, cultural da sociedade amapaense, e representará um passo a mais em direção ao respeito e à diversidade religiosa no Amapá.

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, SOCIOCULTURAIS E RELIGIOSAS DO AMAPÁ

O atual Estado do Amapá está localizado geograficamente na região Norte do Brasil. Ao longo de sua história, recebeu diversos nomes: Terras dos Tujucus,² por conta da grande presença de índios dessa etnia; Nueva Andaluza, denominação espanhola ao se referir à Amazônia incluindo o Amapá; Guiana Brasileira, para se contrapor à Guiana Francesa; Terra do Contestado, em virtude da disputa franco-lusitana; Capitania do Cabo Norte, por parte de Portugal, Território Federal do Amapá, quando desmembrou-se do Estado do Pará em meados do século XX; e Estado do Amapá, pela Constituição de 1988.

De acordo com Canto (1998), com ordens do governo de Portugal que determinou a criação de vilas e povoadamentos em suas colônias, coube ao então governador do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, na metade do século XVIII, dar início a um amplo processo de colonização na parte norte do Brasil. Em 1758 foi fundado o primeiro núcleo populacional em terras Tucujus, a Vila de São José de Macapá.

Conforme essa região ia sendo ocupada pelos europeus, sobretudo pelos portugueses, levas de negros provenientes de diversas etnias trazidos de outras províncias brasileiras como Pará e Maranhão e de colônias portuguesas estabelecidas na África iam construindo esse território e, nesse processo, o contato de negros de diferentes etnias e nações era constante e inevitável.

Luna (2011) argumenta como os autóctones rejeitavam aceitar a condição de submissão que o projeto de povoamento português previa e, com o projeto de construção da Fortaleza de São José³ de Macapá entre os anos de 1764 a 1782, a vinda de africanos para as terras do atual Estado do Amapá foi intensificada. Data desse período, segundo Santos (1994), a formação de inúmeros quilombos

² Na atualidade essa etnia não existe mais, se extinguiu em 1758. Portal do Governo do Estado do Amapá. Disponível em: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/indios.jsp>. Acesso em: 14 nov. 2013.

³ Essa Fortaleza é considerada a maior fortificação portuguesa na Amazônia. Foi estrategicamente projetada para exercer diversas funções, como: manutenção da ordem soberana de Portugal na região; impedir, via rio Amazonas, a entrada de navios invasores; abrigar no seu interior, os moradores da vila de São José de Macapá, caso sofressem ataques; servir como base de refúgio e reabastecimento de um exército aliado; servir como ponte de contra-ataque ao inimigo; elo de comunicação e vigilância entre as demais fortificações espalhadas pela Amazônia; assegurar a exploração dos produtos regionais e seu exclusivo comércio com a metrópole. Portal do Governo do Estado do Amapá. Disponível em <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/fortaleza.jsp>. Acesso em: 7 dez. 2013.

no vasto território amapaense, o que demonstra que os negros também não acatavam a servidão e os maus-tratos impostos pelos colonos portugueses.

Em terras estranhas, europeus e africanos entraram em contato com as populações autóctones e, como em toda colônia de Portugal, a religião católica foi imposta como oficial, restando a negros e índios a conversão ao cristianismo. Apesar disso, manifestações religiosas com traços e elementos indígenas e africanos conseguiram sobreviver e, na atualidade, são vistas como formas de resistência da ancestralidade de índios e negros. O Sahiré, o Batuque e o Marabaixo são demonstrações dessa sobrevivência no Estado do Amapá.

Atualmente, entre as manifestações culturais e religiosas de maior expressão no Amapá estão o Círio de Nazaré, na cidade de Macapá; a Festa de São Tiago, no município de Mazagão e; o Marabaixo, que acontece em Macapá e Mazagão, além de em várias comunidades remanescentes de quilombos espalhados por todo o Estado.

Antes de analisarmos no Ciclo a presença de elementos de tradição católica e afro-brasileira, entendemos ser relevante apresentar um breve relato sobre este festejo.

DESCRIÇÃO SUCINTA DO CICLO DO MARABAIXO

O Marabaixo consiste em um aglomerado de práticas ritualísticas, realizado anualmente em homenagem a santos da tradição católico-romana, praticado nos municípios de Macapá e Mazagão, além de em comunidades rurais do Estado, como Curiaú, Maruanum, Cunani, Lagoa dos Índios, Torrão do Matapi, dentre outras. Basicamente, o santo homenageado e o período de realização do evento são as diferenças dos Marabaixos realizados no perímetro urbano e rural. Em comum, se mantêm a dança, o mastro, os tambores e as missas.

No município de Macapá inseriu-se o termo Ciclo devido ao evento acontecer em paralelo ao calendário pascal da igreja católica, tendo várias etapas ao longo de dois meses. Atualmente, o festejo é realizado em cinco pontos diferentes da capital e na comunidade rural de Campina Grande,⁴ cada um coordenado por um grupo específico: bairro Laguinho – Grupo Raimundo Ladislau; bairro Jesus de Nazaré – Grupo do Pavão; bairro Santa Rita – Grupos Berço do Marabaixo, Raízes do Marabaixo e Asebie.

⁴ Comunidade remanescente de quilombo, distante 21 km de Macapá.

No bairro do Laguinho, o Ciclo do Marabaixo é organizado pelo Grupo Raimundo Ladislau, que homenageia o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade começando no Domingo de Páscoa na Igreja de São Benedito que fica dentro do bairro e segue para sede da associação, onde se realiza o primeiro marabaixo.⁵ Após alguns meses, quando se intercalam missas, marabaixos (danças), corte e levantamento de mastros, novenas, bailes dançantes e cortejos pelas ruas, o evento termina com o Domingo do Senhor: último dia e encerramento do Ciclo.

Eis os momentos principais do festejo realizado no bairro do Laguinho no município de Macapá pela Associação Raimundo Ladislau em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade no ano de 2012:

– Domingo de Páscoa (marabaixo da Ressurreição): após irem à missa, os participantes, na parte da tarde, se reúnem na associação e, tendo os tocadores de caixa e as cantadeiras ao centro, em sua volta forma-se um grande círculo onde crianças, adultos e anciões põem-se a dançar e cantar ladrões⁶ de marabaixo, num clima de muita alegria por estarem iniciando e participando de mais um Ciclo do Marabaixo (1º marabaixo);

– Sábado do Mastro: cinco semanas após a páscoa, no sábado, pela manhã, os participantes reunidos na associação vão ao Curiaú⁷ para cortação do mastro do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade;

– Domingo do Mastro: pela manhã, os participantes ao som dos tambores, dançando, cantando, soltando fogos de artifícios e com bandeiras da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo vão onde os mastros estão cortados e os carregam para a associação (2º marabaixo até meia noite);

– Quarta da Murta:⁸ na primeira quarta-feira após o domingo do mastro, os participantes, tendo à frente a bandeira vermelha do Divino Espírito Santo, percorrem as principais ruas do bairro, entre o local da quebra da murta e a

⁵ Usaremos a palavra marabaixo em minúsculo quando se referir à dança, e Marabaixo com a primeira letra em maiúsculo quando fizer referência ao festejo com todas as suas etapas.

⁶ O termo ladrão(ões) pode ser interpretado como versos “roubados” das histórias e dramas da vida real da comunidade que viram canções.

⁷ Curiaú é uma comunidade remanescente de quilombo distante 12 km de Macapá. Considerado terra e território de negros, patrimônio cultural, lugar de memória, festas, fé e trabalho (Videira, 2013).

⁸ Desde 2012 um projeto da Secretaria de Estado de Política para o Afrodescendente (Seafro) organiza com todos os grupos de Marabaixo da capital a Quarta da Murta na orla de Macapá com o término na Igreja de São José, tal como era realizado décadas atrás.

associação, e vão quebrar a murta⁹ para enfeitar o mastro no dia seguinte (3º marabaixo até o amanhecer do dia seguinte);

– Quinta da Hora: em frente à associação, pela manhã, depois de terem cavado um buraco, enfeitam o mastro do Divino com os galhos de murta e uma bandeira em sua extremidade e o erguem;

– 1º Baile dos Sócios do Divino Espírito Santo: ainda na quinta-feira a partir das 21 horas até as 4 horas do dia seguinte é realizada uma festa dançante na associação;

– Novenas do Divino Espírito Santo: depois do 1º baile, iniciam-se as novenas em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade na associação;

– 2º Baile dos Sócios do Divino Espírito Santo: passados alguns dias a partir das 21 horas até 4 horas do dia seguinte é realizada outra festa dançante;

– Domingo do Divino Espírito Santo: os participantes vão à missa na igreja de São Benedito; após a missa, um café da manhã é oferecido à comunidade na associação;

– Murta da Santíssima Trindade: os participantes, tendo à frente dessa vez bandeira azul da Santíssima Trindade, percorrem as principais ruas do bairro, entre o local da quebra da murta e a associação, e vão quebrar a murta para enfeitar o mastro no dia seguinte (4º marabaixo até o amanhecer do dia seguinte);

– Levantamento do mastro à Santíssima Trindade: pela manhã, com o mastro enfeitado com as murtas e com a bandeira do Santo ao topo, o erguem ao lado do mastro do Divino;

– 1º Baile dos Sócios à Santíssima Trindade: no mesmo dia do levantamento do mastro à Santíssima, realiza-se a primeira festa dançante ao Santo a partir das 21 horas até as 4 horas do dia seguinte;

– 2º Baile dos Sócios à Santíssima Trindade: passados sete dias da primeira festa à Santíssima realiza-se a partir das 21 horas, até as 4 horas do dia seguinte, o segundo baile ao Santo;

– Domingo da Santíssima Trindade: há realização de uma missa pela manhã na igreja de São Benedito seguida de café da manhã na associação;

– *Corpus Christi*: realiza-se o 5º marabaixo;

– Domingo do Senhor: este é o último dia do Ciclo. Os participantes, reunidos na associação, dançam marabaixo até as 18 horas, quando param para derrubar os mastros da Trindade e do Divino, escolhem o festeiro do

⁹ Murta é uma espécie de planta aromática comum nos campos do Amapá.

próximo ano e, em seguida, recomeçam a tocar os tambores, dançar e cantar ladrões de marabaixo até tarde da noite, em meio a muita alegria por estarem perpetuando uma tradição deixada pelos antepassados.

CICLO DO MARABAIXO: ENTRE O CATOLICISMO E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Neste tópico, analisamos três registros históricos sobre o Ciclo do Marabaixo, um datado do final do século XIX, outro registrado em meados do século XX e, por fim, um realizado no início de século XXI. Buscou-se identificar, nesses relatos sobre o Marabaixo, elementos que ora o aproxima do catolicismo, ora das religiões afro-brasileiras.

Uma modalidade do catolicismo popular

O jornal *Pinsonia*, de 1899, é considerado o documento histórico mais antigo a narrar o Ciclo do Marabaixo. Pancrácio Júnior, em um artigo de sua autoria, faz uma descrição do festejo da qual consideraremos alguns pontos.

Pancrácio inicia descrevendo o evento como parte da tradição católica destacando os costumes que ainda se mantinham da festa original do Divino Espírito Santo e outros que iam sendo incorporados pela população local.

Como prática da religião catholica, teve lugar n'este mez, a tradicional festa do Divino Espírito Santo, executando-se os episódios originaes e primitivos, cujos costumes ainda não se extinguio in totum. Si bem que a antiquada uzança não esteja mais, em parte, adaptada a ephoca que passamos... (Canto, 1998, p. 21).

Percebe-se neste trecho a origem católica europeia do festejo, bem como a adaptação do evento aos costumes da população local. Wanda Lima (2011) reforça a ideia de que a origem do Marabaixo está associada à Festa do Divino Espírito Santo. Argumenta que esse festejo chegou ao Brasil introduzido pelas ordens religiosas na época da colonização e ainda hoje é realizado em vários Estados brasileiros. A festa em solo brasileiro se mesclou com elementos de outras culturas.

Segundo a autora, o modelo festivo ao Divino trazido pelas ordens religiosas vai se consolidando em terras brasileiras celebrando as concepções da religião cristã e, ao mesmo tempo, sendo influenciado por outros elementos não europeus.

Essa interpretação remonta à origem do Marabaixo na Festa do Divino. Todavia, não esclarece se em Macapá a Festa do Divino Espírito Santo se transforma em Marabaixo por acréscimo de valores populares, especificamente de tradição africana. Ou, ao contrário, o Marabaixo, com características afro-brasileiras, foi transformado em Festa do Divino Espírito Santo?

Pereira (1951) defende que os religiosos católicos aproveitaram o Marabaixo para o serviço da fé cristã, ou seja, os padres acrescentaram à liturgia católica valores afro-brasileiros como a dança, o tambor e a alegria. Com o tempo, esses e outros elementos afro-brasileiros se sobrepuseram.

(...) entenderam os missionários aproveitar o Marabaixo no serviço da fé cristão, principalmente nas solenidades que exaltavam o poder do Divino Espírito Santo. Os negros transplantados lhes emprestaram a eloquência dos seus instrumentos, o ardor de seu sangue, a exuberância de sua alegria, a resistência de seus músculos, a expressão mais pura de sua arte e de sua religião (Pereira, 1951, p. 110).

Nessa interpretação, houve então, em um primeiro momento, uma catolização do Marabaixo, ou seja, uma inserção de elementos africanos e afro-brasileiros na liturgia da Festa do Divino Espírito Santo, por iniciativa dos próprios padres. Posteriormente, ocorreu uma marabaização do catolicismo (da Festa do Divino), isto é, os princípios e elementos afro-brasileiros somados à presença hegemônica de atores sociais afrodescendentes começaram a tomar as rédeas do festejo.

Sabe-se que esse sincretismo¹⁰ de mistura e de adaptação de elementos e rituais irá trazer implicações posteriores, como perseguições e embates empreendidos por autoridades religiosas católicas que desejarão expurgar da Festa do Divino elementos não europeus. Apesar disso, a população afrodescendente continuou realizando a Festa do Divino, a partir daí denominada Marabaixo, segundo Lima (2011), com todos os acréscimos populares e independente do aval e do controle da Igreja.

Nos relatos históricos sobre o Ciclo, e até os dias atuais, sabe-se que a Igreja alterna momentos de tolerância, aceitação e embate com o Marabaixo. À época em que Pancrácio Júnior escreveu seu artigo, final do século XIX, já se percebia por parte das autoridades eclesiásticas católicas uma rejeição aos rumos que o festejo tomava. O autor chama atenção para a ausência das lideranças religiosas católicas durante o evento

¹⁰ Para uma maior explanação sobre o sincretismo religioso, ver Ferretti (1900).

Entretanto foi sensível, para maior esplendor, a ausência do Sacerdote nas solenidades da igreja; falta esta que está desculpada o Sr. Juiz, que providenciou no sentido contrário, contratando para tal fim, com o Sr. Cônego Teixeira, que vinha munido de uma portaria do governo bispado. Não sabemos o poderoso motivo que obistou, em caminho, bem próximo, a que o Sr. Cônego Teixeira, tivesse faltado a tão sério compromisso (Canto, 1998, p. 22).

De todos esses dados, nos parece legítimo inferir que, já no século XIX, o Festejo do Marabaixo já se encaminhava para ser uma manifestação religiosa popular, pois a organização sua estava nas mãos de leigos e não dependia da autorização religiosa para acontecer – muito embora seus agentes desejassem que durante a programação a autoridade eclesiástica estivesse presente.

Nesse sentido, o Ciclo do Marabaixo em Macapá pode ser lido dentro da modalidade de *catolicismo popular*, cunhado por Maués (1999) enquanto complexo de crenças e práticas ritualísticas voltadas para a devoção e festas, com forte apelo a aspectos sociais, das quais participam principalmente os leigos (povo).

Performance de Possessão: “isso não é comum, é uma exceção”

Outro registro que analisaremos data de 1949, e foi feito pelo pesquisador maranhense Nunes Pereira (1951). O referido autor faz uma descrição do Marabaixo na localidade de Curiaú de Dentro, distante 14 km de Macapá.

Pereira (1951), reconhecendo toda exterioridade católico-romana do Marabaixo, destaca que em certos rituais seus agentes assumem características que os remetem as religiões afro-brasileiras, por meio da possessão.

Nem lhes faltaram, nas máscaras luzidias de suor, no fulgor das pupilas e nos ritos dos lábios carnudos, a expressão dramática, que a posse do guia, Santo ou Vodum, lhes transmite, e a expressão sensual, que nasce dos sentidos, açulados pelas libações e pelos contactos dos corpos em festa... Pois além dos gestos peculiares às noviches, Mina-Gêge, das expressões das máscaras marcadas fundamentalmente pela histeria e pelo *sprit of posesion*... (Pereira, 1951, p. 97, 99).

O autor demonstra, pelo relato, que na roda de marabaixo, ou seja, no momento em que os agentes dançam e cantam embalados pelo toque dos tambores, alguns apresentam performance de estarem possessos, tal como acontece nos cultos afro-brasileiros, especificamente o Mina-Gêge do Maranhão.

Essa peculiaridade não é encontrada em nenhuma outra literatura. Declama Pereira (2008), em sua dissertação de mestrado, “A história do Candomblé no Amapá”, recorrendo à pesquisa de campo, diz não ter encontrado entre seus

informantes confirmação de que haja possessão durante o Ciclo. Valendo-se do depoimento de uma marabaixista adepta de religiões de terreiro, explica que os atabaques e tambores nas religiões de terreiro têm fundamentos, ou seja, são tocados com um propósito: intermediar, atrair os orixás. Esse fundamento não existe no Marabaixo, em que as caixas são tocadas com o fim de louvar e agradecer ao santo homenageado e, ao mesmo tempo, animar os participantes.

Por outro lado, em entrevista realizada com agentes do Ciclo, informantes argumentam haver a possibilidade de ocorrer possessão durante uma roda de Marabaixo, porém: “isso não é comum, é uma exceção”. Outros dizem que já escutaram relatos de que em determinado barracão (associação) pessoas entraram em transe principalmente quando os ladrões, os cânticos estão embalados pelos toques dos tambores em um ritmo mais forte e acelerado.

Assim, até para quem admite haver possessão no Marabaixo, tal fenômeno parece ser algo negativo, de maneira que quando acontece, é sempre no barracão do outro. Não obstante, pelo que se percebe nas entrevistas, o assunto Marabaixo-possessão parece trazer certo constrangimento aos participantes, ainda assim, acreditamos que a possibilidade de haver possessão durante certos momentos ritualísticos do Ciclo, aproxima esse festejo das religiões afro-brasileiras.

Embalados pelos toques de tambores

Desse momento em diante, analisaremos o que Piedade Videira (2009) escreveu sobre o Marabaixo no bairro do Laguinho.

Videira (2009) consciente da impossibilidade histórica de saber com exatidão a origem do Marabaixo, diz, a partir de depoimentos dos atores sociais do Marabaixo, não ter dúvida da ascendência africana desse festejo a qual classifica como sendo a “maior manifestação cultural de matriz africana do Estado do Amapá” (p. 99). Outros pesquisadores e os próprios marabaixitas reproduzem o discurso de que o Marabaixo é uma herança, uma tradição dos povos africanos que chegaram ao Amapá nos navios negreiros no período da colonização:

O Marabaixo é hoje uma manifestação cultural afro-amapaense, nascendo assim de diferentes etnias que foram transportadas de suas terras de origem para Brasil. É uma mistura de dança, religiosidade e ancestralidade africana que tem orgulho, determinação e resistência (Ataide, 2012, p. 6).

Por tudo o que o Ciclo representa na atualidade para os afro-amapaenses, é plausível sustentar que Marabaixo seja reconhecido como uma prática religiosa ligada à população de maioria negra em Macapá, que vem mantendo vivos os

lamentos, o orgulho e a fé de uma ascendente de origem africana. Porém, até que ponto esse legado negro, essa tradição, não representa uma construção de intelectuais recentes? Isto porque são raros os dados documentais que comprovam essa filiação, além do que a própria manifestação possui toda uma ritualística católica.

Entre os elementos presentes no Ciclo Videira (2009) destaca como sendo símbolo de expressão da religiosidade afrodescendente o rufar dos tambores. Para essa autora: “Na dança do Marabaixo, o ritmo é marcado e ditado pelas caixas...” (p. 109).

Tocada por homens e mulheres, o som da caixa de marabaixo é um dos principais elementos que faz esta manifestação ser associada às matrizes africanas, incluindo as religiões de terreiro, muito embora alguns participantes rejeitem essa associação. Videira (2009), entretanto, não desassocia o tambor de Marabaixo dos princípios semelhantes às religiões de terreiro: “Os tambores africanos são vivos e servem para chamar os espíritos dos antepassados” (p. 99).

A partir desses dados, inclinamo-nos a crer que o toque das caixas presente no Ciclo do Marabaixo expressa traços da religiosidade afro-brasileira, sendo, portanto, mais um dos componentes que associam essa manifestação a tradições de matriz africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho, que buscou conciliar investigações de campo com reflexões teóricas, é possível concluir que o Ciclo do Marabaixo em Macapá tem uma raiz católica e em seus rituais há componentes comprovadamente dessa tradição: missas, santos homenageados, ladainhas, entre outros. Apesar disso, atualmente, o festejo não compõe o calendário de festas do catolicismo oficial, o que reforça nossa ideia de que o Ciclo do Marabaixo é uma modalidade do catolicismo popular.

Por outro lado, mesmo com toda exterioridade católico-romana, o Ciclo do Marabaixo possui também componentes que o associam às religiões afro-brasileiras dentre os quais destacamos a possibilidade de performance de possessão durante as rodas de marabaixo e o rufar dos tambores. Em nossa justificação, acrescentamos ainda três fatos históricos que corroboram e sustentam essa presunção: o tratamento discriminatório que o Marabaixo recebeu e ainda recebe de certos setores da sociedade e da Igreja Católica (e na atualidade das Igrejas Evangélicas), o caráter de resistência da manifestação e a origem proveniente da diáspora negra africana.

Alguns atores sociais do Ciclo repudiam a associação do Marabaixo com as religiões afro-brasileiras e preferem uma aproximação com o catolicismo. Consideramos que diante de uma sociedade que de norte a sul do Brasil legitima a Igreja Católica como a maior e a principal tradição religiosa e, ao mesmo tempo, estigmatiza as demais como inferiores, o desejo dos marabaxitas em se aproximar da tradição hegemônica é perfeitamente compreensível, afinal, esses mesmo atores, na maioria afrodescendentes, trazem em seus espíritos uma história de luta diária contra todas as formas de preconceitos e discriminações.

Julgamos, por fim, que o Ciclo de Marabaixo realizado em Macapá é uma manifestação que representa a religiosidade de parcela considerável da população amapaense, sobretudo daqueles que reconhecem ter uma ascendência africana. Esse festejo vem se mantendo vivo entre os macapaenses, por empenho de certas famílias que se autoimpõem a tarefa de dar continuidade à tradição. Nesse processo, o Ciclo do Marabaixo vem se recriando e se ressignificando de acordo com os momentos históricos, sincretizando em seus rituais elementos católicos e das religiões afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, J. “O Fortalecimento do Marabaixo”. In: *Tambores no meio do Mundo. O rufar da cidadania*. Macapá. Secretaria de Estado de Política para o Afrodescendente, 2012.
- CANTO, F. *A Água Benta e o Diabo*. Macapá: Fundação Cultural do Amapá – Fundecap, 1998.
- FERRETTI, S. *Repensando o sincretismo*. São Paulo/São Luiz: Edusp/Fapema, 1995.
- LIMA, W. da S. F. *Ciclo do Marabaixo. Permanência e inovações de uma festa cultural*. Dissertação de Mestrado em História, Mackenzie, São Paulo, 2011.
- LUNA, V. X. *Escravos em Macapá. Africanos redesenhando a Vila de São José 1840 – 1856*. João Pessoa: Editora Sal da Terra, 2011.
- MAUÉS, R. H. *Uma outra “invenção” da Amazônia*. Belém: Cejup, 1999.
- PEREIRA, N. *Shairé e Marabaixo. Tradições da Amazônia*. Recife: Fundaj, Editora Massagana, 1951.
- PEREIRA, D. L. *O Candomblé no Amapá. História, memória, imigração e hibridismo cultural*. Dissertação de Mestrado em História Social, Ufpa, Belém, 2008.
- SANTOS, F. R. dos. *História do Amapá*. 2ª ed. Macapá: Editora Valcan, 1994.
- VIDEIRA, P. L. *Marabaixo, dança afrodescendente. Significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- _____. *Batuques, folias e ladainhas. A cultura do quilombo do Curia-ú em Macapá e sua educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.